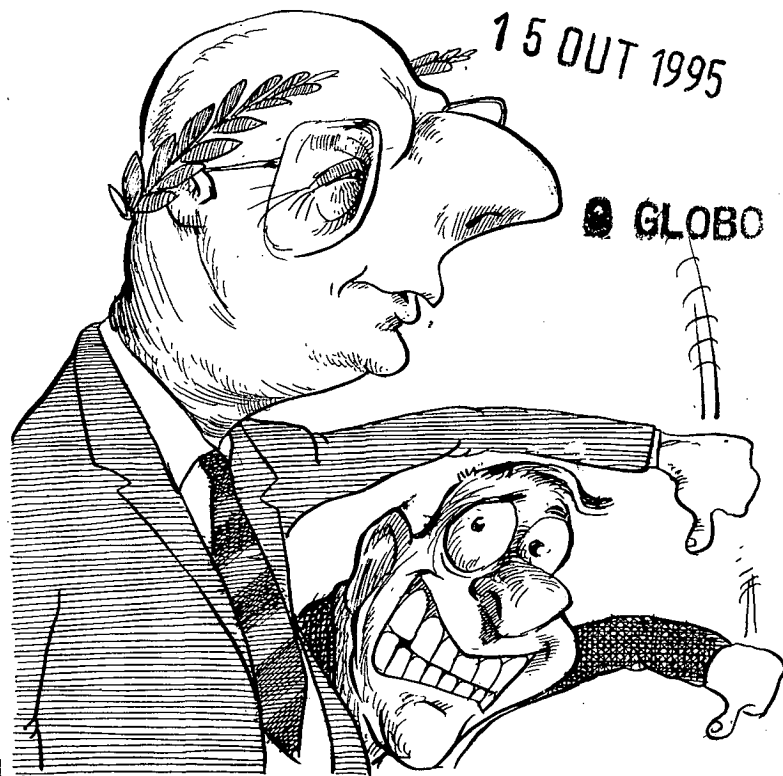




O careca mais disputado do Congresso

Amin atrapalha Planalto com sua independência

CRISTIANE JUNGBLUT e
HELENA CHAGAS

BRASÍLIA — Os líderes do Governo tremem de medo quando ele vira o polegar para baixo, indicando que votará contra. O líder do PT, senador Eduardo Suplicy (SP), fica vermelho, tropeça nas palavras e sai do sério toda vez que está na tribuna e o vê aproximar-se para apartear seu discurso. Ostentando uma das carecas mais conhecidas do país, famoso no Senado pelas tiradas irônicas e pela cuia de chimarrão sempre a tiracolo, o presidente do PPB, senador Esperidião Amin (SC),

é o novo sonho de consumo do Palácio do Planalto. Com a avaliação de que Amin consegue virar votações importantes e atrapalhar a vida do Governo quando fica contra alguma matéria, os líderes governistas já deflagraram uma estratégia para conquistar o apoio do senador, que até agora tem insistido em manter absoluta independência.

— Amin é importantíssimo em qualquer votação. Ele é um dos primeiros senadores que procuro quando chega algum projeto importante do Governo — diz o líder governista Elcio Álvares, que começa a rezar quando Amin faz o sinal negativo com o polegar.

Presidente do PPB, partido recém-criado com a fusão do PPR e do PP, Amin rejeita o título de colaborador do Governo

no Senado. O senador prefere dizer que é um colaborador crítico:

— Sou um colaborador com espírito crítico: quando algo está errado, digo. No caso do FSE, por exemplo, sou a favor, mas não com esse nome. Fundo de Emergência já era cinismo antes, agora é mais ainda.

Um exemplo de que, para o Governo, é sempre bom ter o presidente do PPB do seu lado foi o caso do projeto do senador José Eduardo Dutra (PT-SE) determinando que a privatização da Vale do Rio Doce dovesse ser submetida ao Congresso. O Governo quase saiu derrotado, mas com a ajuda de Amin foi feita uma manobra para devolver o projeto à Comissão de Constituição e Justiça (CCJ). Na época, o presidente Fernando Henrique Cardoso confiden-

ciou a aliados que a aprovação do projeto só foi evitada graças a Amin.

O problema com o petista Suplicy — que tem rendido engraçados embates em plenário — começou na época da mobilização para criar a CPI da CUT, na campanha presidencial de 1994. Amin elegeu o PT como um dos seus principais alvos e não perde uma oportunidade de fazer apartes aos discursos de Suplicy ou de pedir a palavra para comentar as declarações do petista. Ao ouvir, pelo sistema de alto-falantes, que Suplicy está discursando, Amin sai correndo de onde estiver para chegar ao plenário a tempo de perturbá-lo. Apesar disso, diz que tem um bom relacionamento com o colega.

— Faço força para não ficar mal-humorado — diz.